HENRIQUE DE VASCONCELLOS

O culto da Belleza

(CONFERENCIA)

> Enche a tua casa de Belleza — abrirás as portas á Felicidade.
>
> JOHN RUSKIN.

LISBOA

Anno de 1909

O CULTO DA BELLEZA

(CONFERENCIA)

HENRIQUE DE VASCONCELLOS

O culto da Belleza

(CONFERENCIA)

> Enche a tua casa de Belleza — abrirás as portas á Felicidade.
>
> JOHN RUSKIN.

LISBOA

Anno de 1909

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

D'esta edição tiraram-se:

2 exemplares em papel das manufacturas imperiaes do Japão,
numerados de 1 a 2.
50 exemplares em papel *couché*,
numerados de 3 a 52.

N.º

Typ. «A EDITORA» — Conde Barão, 50 — LISBOA

A' Darling

O CULTO DA BELLEZA

MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES.

HA uma religião antiga, coeva das mais velhas, cujo culto coexiste com o de todas as outras — a Religião da Belleza. Teve, em antigos tempos, fervorosos fieis e n'um paiz — a Grecia — parecia que a propria natureza se alliava aos homens, para lhe render preito. Dos jardins, evolavam-se perfumes; dos rios serenos, nasciam ondinas; povoavam-se de hama-

driadas as florestas — porque a alma dos gregos era cheia de amor pelas bellas fórmas, no mesmo rythmo batiam o coração dos homens e o coração das coisas.

Não foi alli, por certo, que nasceu o Culto da Belleza; mas, nesse paiz luminoso, encontrou a sua manifestação mais intensa e geral. O oleiro que affeiçoava um simples cantaro tinha no peito a mesma chamma que Phydias ou Lisyppo divinisando o marmore. Quer no lar tranquillo, quer nas acropoles soberbas e palreiras, os olhos repousavam em objectos bellos. Eram rythmadas, como uma musica, as palavras dos oradores; as mães ensinavam, de pequeninas, ás creanças, a bem pro-

nunciar a lingua dos athenienses. Havia um tal desejo de perfeição, que os philosophos, ás vezes, musicalmente expunham suas doutrinas subtis: — Pythagoras escreveu os *Versos de oiro;* em verso, Herodoto ensinou a historia. Sparta, que era rude e guerreira, aperfeiçoava physicamente o homem, no revelado intuito da defeza, mas mais, inconscientemente, num tributo á Belleza. Matavam os seres disformes e as mais formosas mulheres eram destinadas, pela Cidade, aos ephebos fortes e lindos.

Era, para elles, o Universo um templo onde se adorava a Belleza. Viram sahir da espuma leve, o corpo branco de Amphytrite; passavam no ar

ligeiro as quadrigas dos deuses; nos gymnasios, nos ágoras, nas acropoles, artistas de luminoso genio representavam no marmore liso de Paros a eterna mocidade dos deuses, ou fixavam no penthelico a belleza ephemera dos heroes. Quando, apoz a victoria de Salamina, que defendeu a Europa da invasão asiatica, o exercito alliado quiz glorificar-se, não procurou generaes coroados de louros: levantou nos escudos o mais lindo dos ephebos — por ser bello!

Um dia, no tribunal severo e numeroso dos heliastas, um advogado habil, conhecedor da alma grega, teve um argumento decisivo, defendendo Phrynea; — perante a frieza dos juizes, que os seus periodos

eloquentes não convenciam, arrancou a tunica á cortezã de maravilhosa formosura e os heliastas reverentes e attonitos absolveram Phrynea.

Nas suas casas quietas e floridas, as matronas teciam a lã de suas tunicas em esculpidos teares, ouvindo as cytharas, que as donzellas tangiam.

Procurava-se e apreciava-se a Belleza, em tudo. Os navios de commercio e as triremes de guerra tinham uma linha elegante e propria e nas recurvas prôas, embutidas, ou pintadas, figuras de deusas, ou das filhas de Nereu. Como grandes flôres, palpitavam no mar côr de violeta as coloridas vellas, entre a renda incerta das espumas. As crean-

ças dum mesmo bairro caminhavam juntas para a escola, em cadencia, entoando canticos.

Nos banquetes rapidos e sobrios, fallava-se de arte e da poesia. Dançavam as bailadeiras, tocavam em suas flautas os auletridas. No tempo de Pericles — edade d'oiro! — philosophos, poetas, generaes e cortezãs confraternisavam na adoração do Bello. Foi um tempo ridente e quasi fabuloso, melhor do que aquelle que os rhapsodos cantaram: quando os deuses andavam sobre a terra, amando as filhas dos reis. Um bom verso era mais apreciado do que uma barra de oiro e a curva enverdecida de uma collina, espectaculo que prendia o olhar dos ho-

mens. Inspirava-se o oleiro nas linhas do corpo da mulher e tal amphora é como um torso nú.

Havia bosques consagrados a Apollo, o deus da Belleza, e num jardim quieto e cheiroso,—o jardim de Acadmos —os poetas passavam, dizendo versos, ou discutindo systemas.

Esse tempo passou! Essa civilisação morreu! O rude genio romano destruiu o fóco ardente d'esse culto. Lavradores e soldados, fortes e insaciaveis, conquistaram a Grecia, dispersaram as estatuas, esmagaram esses gregos especiosos e risonhos que discutiam longa e inutilmente nos ágoras concorridos. Foi o dominio da força e da opulen-

cia. Perdeu-se a noção da harmonia e da sobriedade; houve o luxo importado do Egypto decadente e da Asia barbara, exagerado em Roma. A linha e a côr deixaram de ser alguma coisa por si mesmas. Buscaram o precioso, o raro e o grande. Construiram o Colyseu, saquearam os altares onde as estatuas dos deuses tinham, ás vezes, paramentos de ouro massiço, mas quasi sempre, leves pinturas. Por toda a terra, o culto de Apollo esmoreceu e nas mãos vacillantes dos sacerdotes, os thurybulos pararam.

Se um ou outro espirito vive ainda na saudade da Hellade enfeitada de fabulas e de poemas, o cives romanum prevalece, congestiona-se nos ban-

quetes, perde a noção hieratica do Numero e do Rythmo, importa a manifestação da Belleza, para ostentar apenas, porque seu coração não a sente, nem a comprehende.

Em todo o caso, não se apaga completamente, no marmore dos templos, o fogo sagrado. De mão em mão, vagarosamente, talvez mais do que de seculo em seculo, o archote passa, a chamma illumina e brilha. Os primeiros christãos, perseguidos como féras, adoram o seu Deus nas catacumbas e resuscitam, com o culto á Idêa, o culto da Fórma. Nos toscos altares e nas sepulturas communs, mãos inexperientes esboçam os prologómenos da Arte nova.

Roma cae. Abate-se lenta-

mente esse complexo e brutal edificio, que foi o Imperio Romano; ignaros, bestiaes, os barbaros devastam, calcinam; estilhaçam as columnas dos palacios e as estatuas dos deuses. Mas a Vestal continua a accender, nas aras do templo, o fogo subtil, e desamparado, mas sereno, ha sempre um sacerdote que officía.

Um dia, irrompe da terra tres vezes sagrada da Italia essa exuberante florescencia, que é o Renascimento. Como se se accendessem junto de nós todas as estrellas do céu, revive e fortifica-se o culto da Belleza. Povoam-se de monumentos as pequenas cidades italianas; em cada termo de quinta, como nos tempos hellenicos, floresce uma linha gra-

ciosa; teem um adorno as mais modestas cisternas. Ha como que a loucura do Bello: são triumphadores os artistas; uma tarde, em Florença, o fóco mais intenso d'esse culto, um quadro de Cimabue é levado em triumpho, pelas ruas. Quando Cellini acaba, entre incertezas crueis, de fundir o Perseu, em desafio ao Medicis, os poetas cantam-o em sonetos, acclama-o o povo, como se, general vencedor, novos laureis e novas terras trouxesse á republica. Julio II protege o cinzelador, absolve os seus homicidios, acarinha-o, porque em suas mãos palpita a graça antiga. Leão X, o Papa magnifico, chama para a sua intimidade os artistas do tempo; é elle que, magnanimo, paga com

500 ducados, ao poeta Tibaldeo, o prazer de um simples epigramma; Raphael é mais invejado do que um principe; por onde passa, curvam-se as damas e os gentishomens—é o dispensador da Belleza. O Summo Pontifice, rei de Roma e senhor dos homens, visita Miguel Angelo, republicano rude e contendor do poder. Era tamanho o fervor pelo culto, de tal maneira se apossára dos grandes, que o fino politico Machiavel recrimina: «Os soberanos italianos creem que o merito d'um principe consiste em saber apreciar uma replica picante, redigir com elegancia uma carta, mostrar vivacidade e finura, armar traças, adornar-se com pedras preciosas, dormir e comer com

maior esplendor do que os outros».

São os grandes artistas que inventam as pequenas joias, que desenham os cartões para as tapeçarias, que debuxam os fardamentos dos soldados. É um artista o mais modesto canteiro. Por toda a parte, eleva-se a alma. Torna-se geral o culto da Belleza. Como na Grecia, a Belleza estava no individuo, a Belleza estava no Lar, a Belleza estava na Cidade.

*

* *

Não basta viver: é preciso adornar a vida. Façamos como esses homens da Renascença, de quem lhes fallei e de quem

escreveu Taine: «Lendo-se as chronicas e as memorias do tempo, vê-se logo que os italianos quizeram fazer da vida uma bella festa».

Não penso em ser o apostolo um pouco fanatico, que foi esse maravilhoso padre da Belleza — John Ruskin. Para elle, o mundo tinha de parar, as necessidades modernas, imprescindiveis, haviam de ficar insaciadas, porque não admittia o progresso, por ser feio, não admittia as machinas movidas a carvão, porque as chaminés e o fumo que jorram são inestheticos, bania os caminhos de ferro, por desmancharem a serena harmonia das paizagens. Viajava esse sonhador, em Inglaterra, de berlinda, como um senhor do se-

culo XVIII; resuscitou as industrias textís familiares em Langdale, em Kerwich e na ilha de Man, produzindo o *Ruskin-linen* e o *homespun*.

Tem a fé ardente e combativa dos primeiros prégadores christãos; lucta, dá o exemplo, dissipa a fortuna herdada, de mais de 200 mil libras, não só na compra egoista de objectos de arte para a sua casa, mas em sonhos de belleza, em escolas de arte, em resurreições de velhas modas e tecidos desusados.

Não, não podeis, neste seculo, com a forte «poussée» das ideias modernas, no mais intenso de uma civilisação mesquinhamente industrial e democratica, desviar a corrente, ajoelhar na montanha, em

adoração ao sol, e querer que os insaciaveis perseguidores do oiro abandonem as tumultuosas cidades onde a febre os encarquilha e a lucta os esmaga, para virdes para nós.

Não, havemos de ser nós, os sacerdotes d'esse culto, que iremos dizer-vos que mesmo nesse ardente combate em que os nervos desvairados todos os dias exigem novas proezas, podeis rodear-vos de coisas bellas e, pelo menos, tornar menos feias aquellas que o forem irreductivelmente.

*

* *

A mulher é uma bella coisa. Será ella a cariatide mais

forte do templo que andamos a edificar, neste turbado seculo de machinas e de odios de classes. Será d'ella e da sua acção no Lar, que irradiará a Belleza para a Cidade. Torna-se mister, porém, como condição primaria e essencial, que se não diminúa com os grotescos trajos que, por vezes, a Moda lhe impõe. A Moda e a elegancia mundana são irreductiveis inimigas da Belleza. Nascem do capricho de um dia ou da ganancia de um mercante; ás vezes, do aleijão de uma pessoa em destaque. Queimae os figurinos, senhoras; não imiteis ninguem! Escolhei um typo uniforme de vestidos, que convenha á vossa maneira de ser e não mudeis de apparencia

como as nuvens do poente, que ora são rondas ligeiras de nymphas, logo baleias e elephantes. O trajo da mulher, como o seu penteado, devem fazer parte da sua individualidade. Como para cada pensamento ha uma unica expressão propria, para cada rosto ha um unico penteado excellente, para cada corpo um unico córte de vestuario. Mudae as côres e os enfeites, mas não arrepieis um dia, para alisar depois; não assopreis monstruosamente as mangas, para as achatar, cahindo em pregas, ámanhã. Para que um trajo seja bello, é forçoso, antes de mais nada, que imprecise, sem deformar, o corpo humano. Assim foram os trajos gregos e ro-

manos; assim, os da Renascença.

É forçoso que se não desmanche a graciosa eurythmia das linhas, como fizeram, no seculo XVIII, essas cabecitas occas das marquises, com os horriveis «paniers», com os monstruosos penteados. Adornae-vos, enchei-vos de joias, de fitas, de rendas e de flôres, mas sem deformar nunca a linha inquieta do vosso corpo! Cuidae delle, piedosamente, mas com criterio, de maneira a serdes bellas, mas a serdes vós. Não vos importeis com a Moda que vos uniformisa, afeiando-vos, em geral. Magras e nutridas, altas e baixas, loiras e de cabellos pretos, tendes os mesmos penteados, o mesmo talhe de rou-

pa! Se a umas favorece certa Moda, é forçoso que a outras prejudique. Carece a gorda de vestidos lisos, de riscas verticaes, sem bandas; á magra, convem copia de enfeites, bambando . . .

Se a maquilhagem fôr util, é usar d'ella sem receio, pois entra no numero das pias fraudes. Tambem Santa Catharina de Sienna tirava da adega paterna, ás escondidas, o vinho que repartia pelos pobres. Temos sede de Belleza. Dae-nos, se a não tiverdes propria, a Belleza que não é vossa. Segui o mesmo pensamento que a japoneza, doirando os dentes para chamar os beijos do namorado.

Procure a mulher que os seus movimentos sejam ele-

gantes e graceis, como ao som d'uma musica; que a todas se possa dizer o que de sua amante escreveu Baudelaire:

Même quand elle marche, on croirait qu'elle danse!

Enfeitae, senhoras, de risos e motejos a bocca, para aquelles que vos prégam o horrivel feminismo. Persegui-os mofando, porque dizem grotescas necedades. Sede bellas, como quer o poeta! Que a vossa vida seja, como a todos aconselhava Goethe, uma obra de arte. Cuidae da vossa formosura, cuidae da Belleza do vosso lar. Ensinae, mães, a vossos filhos, de tamaninos, a apreciarem a belleza da linha e da côr. Em Allemanha, os tratados elementares de musica começam pela adverten-

cia de que em caso algum se deve tocar má musica. Pois em caso algum se deve comprar um objecto feio. Se não poderdes possuir vasos opalisados de Veneza, ou jarras exquisitas de Gallay, ou faianças de Dulton, comprae essas louças baratas do Minho, ou das Caldas, os barros de Estremoz, mas nunca a camelotte ordinaria dos bazares. Tende sempre o lar alegre, florido, luminoso e claro. Não o atravanqueis de moveis de fórma a ser uma proeza ir de um lado a outro d'uma sala, sem deitar algum ao chão; que cada quarto tenha um caracter proprio, conforme ao que é destinado, que o lar seja aconchegado e calmo, sem insolencias de contrastes de cô-

res ou de linhas; que um pesado canapé Imperio não avisinhe com um fragil tremó Luiz XV; que uma colcha de damasco não supporte uma simples almofada de linho. Desprezae esses moveis sem gosto, «de estofador», incommodos, que, longe de nos acolherem, nos repellem. Quando o orçamento domestico não permitta mobilias caras, elegantes, procurae o pittoresco, as cadeiras do Algarve, maneirinhas e lindas, essas mobilias alemtejanas com flôres ingenuamente pintadas por artifices sem experiencia.

Não é preciso que numa sala haja um só estylo — são caturreiras de archeologos. O importante é que tudo se conjugue, desde os tapetes ás cor-

tinas; que haja harmonia de linhas e de tons, que um bojudo jarro da India não esmague um leve contador de Boule. Que não haja nada falso, a imitar coisas preciosas, falsos bronzes, falsos oiros, essa abominavel quincalharia allemã, a arremedar a arte.

Rodeae-vos de coisas bellas! Mesmo os que não são ricos podem obtel-as. Os que não podem alcançar um quadro de Columbano, ou uma pointe-sèche de Helleu, não recorram á arte bastarda, criminosa: comprem photographias de bons quadros. «A thing of beauty is a joy for ever», diz Miss Bontë. E' uma alegria preciosa e consoladora abrir de manhã os olhos e deparar com uma bella imagem, quer

viva e seja a nossa companheira risonha e sollicita, quer se immobilise na téla ou no marmore. Tudo deve ser bello no Lar, deve suggerir-nos imagens claras, ser o viatico da Felicidade. Só um poeta, com uma intensissima vida interior consegue ornar com bellas imagens, um quarto nú. Assim, o sonho do Lar do mais intenso dos poetas portuguezes de hoje, o meu querido Fausto Guedes Teixeira.

O Poeta possue a faculdade, parecida com a que os magos chamam de irradiação do corpo astral: facilmente crê existir no espaço o que só vive adentro do seu peito. Para nós, é mister a existencia real e material dos objectos.

A mulher deve conseguir que não sejam banaes as suas festas, identicas a todas as outras. A ellas presidirá o bom gosto e a originalidade; é necessario terem um cunho pessoal, resultarem como que uma obra de arte, porque a festa não deve ser, apenas, uma confusão de pessoas, respirando no mesmo ar viciado, mas de si deixar lembrança perduravel como de um facto distincto, agradavel aos olhos. A dona da casa, alem dos deveres mundanos, tem de cumprir os mandamentos da Religião da Belleza.

Assim, affeitos á Belleza no Lar, educado o nosso espirito na elegancia das linhas e das côres e na harmonia dos conjunctos, impediremos que a

Cidade se afeie ainda mais, perdendo todo o seu caracter, como acontece a esta Lisboa, cheia de festas de luz e d'oiro, pelas collinas que sobem, pelo Tejo largo e calmo, que descança.

Entendem que, friamente, no seu gabinete, sobre uma folha de Wattmam, com o esquadrio e o compasso, o engenheiro camarario phantasie a Cidade, alinhando ruas! Não, deve ser mais alguma coisa e melhor! Ainda depois de traçada, a rua é uma coisa morta. Dar-lhe-hão vida as casas, imprimir-lhe-hão caracter as fachadas.

Sei que é muito difficil, com o predominio das democracias, conseguir impôr a Belleza na Cidade. Era essa comprehen-

são que fazia escrever a John Ruskin: — «Não proclamaremos a liberdade, mas sim a obediencia instante á lei reconhecida e ás pessoas designadas, nem a egualdade, mas o destaque de toda a superioridade».

Mas, porque os tempos são estes, não desanimemos, nem préguemos doutrinas impossiveis, hoje, de pôr em pratica. Eduquemos as massas pela palavra e pelo exemplo, conseguiremos uma cidade maravilhosa, aproveitando-lhe a luz, as condições climatericas, edificadas as casas, não só para os moradores, mas como um elemento de ornamentação da rua — para os que passam.

A Belleza não consiste, apenas, no adorno, mas essen-

cialmente, na proporção e na harmonia. Uma pequena casa com trez janellas simples pode ser um encanto, ou uma repulsão para os olhos. Em vez de um quintal, é deixar á frente um ou dois metros onde cresçam trepadeiras. Colloquemos nas nossas janellas vasos com flôres, como soem fazer nessa amorosa e ensolada Sevilha; enfeital-as-hemos, disfarçaremos a incongruente architectura que grassa em Lisboa. Forremos de bons azulejos as paredes exteriores, como é tradição portugueza, ou ornamentemol-as com faixas. Enchamos de arvores, as ruas e praças. Serão como bençãos da Belleza! Mas arvores que se enfeitem de flôres, — amendoeiras que são como as noi-

vas dos montes, olaias, viuvas garridas que na primavera se paramentam para novas bodas! Entre o verde-escuro das arvores, devem surgir as linhas brancas das estatuas; nos lawns de herva tenra e molhada das avenidas e dos jardins, cantarão fontes esculpidas. Deve haver na Cidade um ar familiar de Belleza, deve tudo sorrir-nos!

*
* *

Goethe, esse neo-helleno, quiz que da nossa propria dôr tirassemos effeitos estheticos, que d'ella fizessemos um poema!

Amemos a Belleza, em tudo!

Naquillo que repousa e naquillo que se move; nas altaneiras serras e nas folhas verdes das arvores; nas attitudes da mulher que marcha, ou das bailadeiras que dançam; nos brilhos das joias, no esplendor dos tecidos, na face que chora, no labio que sorri! Amemos a sumptuosa festa que é um quadro de Veroneso e o simples sorriso que é uma estatua de Canova! Amemos com o mesmo amor desinteressado e puro uma nuca de mulher e um caule de flôr!

Imprégnemo-nos de Belleza, e que os nossos actos de bondade sejam, ainda — gestos de Belleza!